

Artigo original

## Jovens diante da morte: experiências de sobreviventes de acidentes de trânsito e tentativas de homicídios

### Young people facing death: experiences of survivors of traffic accidents and attempted homicides

### Jóvenes frente a la muerte: experiencias de sobrevivientes de accidentes de tránsito y tentativas de homicidio

Bianca Ferreira Borges<sup>1</sup>   
Alberto Mesaque Martins<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande). Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>2</sup>Autor para correspondência. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande). Mato Grosso do Sul, Brasil. albertomesaque@yahoo.com.br

**RESUMO | INTRODUÇÃO:** Ainda hoje, a morte é um tema tabu, fortemente associado ao envelhecimento. Contudo, é preocupante o número de jovens que se envolvem em situações inesperadas, como os acidentes de trânsito e as tentativas de homicídio, levando-os a se depararem com sua finitude. **OBJETIVO:** compreender e analisar a experiência de jovens sobreviventes de acidentes de trânsito e tentativas de homicídios. **MÉTODO:** Foram realizadas entrevistas narrativas com oito jovens, com idade entre 19 e 29 anos, que residem no estado de Mato Grosso do Sul e que se sobreviveram a acidentes de trânsito ou tentativas de homicídio. As entrevistas foram orientadas por um roteiro semiestruturado e foram analisadas na perspectiva da Análise de Conteúdo. **RESULTADOS:** O discurso dos jovens entrevistados aponta para as implicações existenciais das mudanças impostas pelas intercorrências, sobretudo a partir dos impactos que elas causaram, alterando tanto suas rotinas como também a forma como pensavam e viviam. Além disso, essa experiência também trouxe implicações na percepção da imagem corporal, além de mudanças em outros âmbitos da vida dos entrevistados, como o trabalho, os estudos, bem como as relações familiares e de amizade, que também foram afetadas. **CONCLUSÃO:** Faz-se necessária uma maior compreensão dessas experiências, com o intuito de contribuir com elaboração de estratégias em saúde para ajudar esses jovens a lidarem com as consequências das ocorrências que, muitas vezes, são graves e permanentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovens. Atitude Frente à Morte. Acidentes de trânsito. Homicídio. Psicologia da Saúde.

**ABSTRACT | INTRODUCTION:** Even today, death is a taboo topic, strongly associated with aging. However, the number of young people who become involved in unexpected situations, such as traffic accidents and attempted murders, is worrying, leading them to face their finitude. **OBJECTIVE:** To understand and analyze the experience of young survivors of traffic accidents and attempted homicides. **METHOD:** Open interviews were carried out with eight young people, aged between 19 and 29 years old, who live in the state of Mato Grosso do Sul and who survived traffic accidents or attempted homicides. The interviews were guided by a semi-structured script and were analyzed from the perspective of Content Analysis. **RESULTS:** The speech of the young people interviewed points to the existential implications of the changes imposed by the intercurrents, especially from the impacts they caused, changing both their routines and the way they thought and lived. In addition, this experience also had implications for the perception of body image, in addition to changes in other areas of the interviewees' lives, such as work, studies, as well as family and friendship relationships that were also affected. **CONCLUSION:** A better understanding of these experiences is needed, in order to contribute to the development of health strategies that help these young people to deal with the consequences of events that are often serious and permanent.

**KEYWORDS:** Young people. Attitude to Death. Motor Traffic Accidents. Homicide. Health Psychology.

Submetido 21/03/2023, Aceito 13/09/2023, Publicado 24/10/2023

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2023;12:e5143

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2023.e5143>

ISSN: 2317-3394

Editoras responsáveis: Mônica Dalto, Marilda Castelar, Martha Castro

Como citar este artigo: Borges, B. F., & Martins, A. M. (2023). Jovens diante da morte: experiências de sobreviventes de acidentes de trânsito e tentativas de homicídios. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12, e5143. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2023.e5143>



**RESUMEN | INTRODUCCIÓN:** Hoy en día, la muerte es un tema tabú, fuertemente asociado al envejecimiento. Sin embargo, es preocupante la cantidad de jóvenes que se ven involucrados en situaciones inesperadas, como accidentes de tránsito e intentos de homicidio, que los llevan a enfrentar su finitud. **OBJETIVO:** Comprender y analizar la experiencia de jóvenes sobrevivientes de accidentes de tránsito y tentativas de homicidio. **MÉTODO:** Se realizaron entrevistas abiertas con ocho jóvenes, con edades entre 19 y 29 años, que viven en el estado de Mato Grosso do Sul y que han sobrevivido a accidentes de tráfico o intentos de homicidio. Las entrevistas fueron guiadas por un guión semiestructurado y fueron analizadas desde la perspectiva del Análisis de Contenido. **RESULTADOS:** El discurso de los jóvenes entrevistados apunta a las implicaciones existenciales de los cambios impuestos por las intercorrencias, especialmente a partir de los impactos que provocaron, modificando tanto sus rutinas como su forma de pensar y vivir. Además, esta experiencia también tuvo implicaciones en la percepción de la imagen corporal, además de cambios en otras áreas de la vida de los entrevistados, como el trabajo, los estudios, así como las relaciones familiares y de amistad que también se vieron afectadas. **CONCLUSION:** Se necesita una mejor comprensión de estas experiencias, para contribuir al desarrollo de estrategias de salud que ayuden a estos jóvenes a enfrentar las consecuencias de eventos que muchas veces son graves y permanentes.

**PALABRAS CLAVES:** Jóvenes. Actitud frente a la muerte. Accidentes de tránsito. Homicidio. Psicología de la Salud.

## Introdução

Estudos apontam que a forma como morte é representada na sociedade vem mudando ao longo do tempo, influenciando nos modos como as pessoas se posicionam diante desse fenômeno (Kovács, 2021; Teixeira, 2016). Ainda hoje, a morte é vista como um tabu, ou seja, como algo vergonhoso, que precisa ser escondido e evitado (Paula & Souza, 2020; Teixeira, 2016). Por essa razão, muitas vezes o doente é privado de saber sobre sua própria morte e os seus familiares ficam supostamente proibidos de viverem o luto publicamente (Kovács, 2021; Paula & Souza, 2020).

Desse modo, a morte não é somente escondida, mas, como acontece na maioria das vezes, há um movimento de negá-la e evitá-la (Kovács, 2021). De acordo com Maranhão (2017), a negação da morte é estabelecida através dos novos costumes, fazendo com que ela seja um assunto ausente das conversas cotidianas. Ainda segundo o autor, quando é preciso falar sobre a morte, são utilizados alguns eufemismos, que substituem ou amenizam o impacto da palavra (Maranhão, 2017). Ainda nessa vertente, a negação da morte também contribui para que, cada vez mais, a mesma aconteça, sempre que possível, distante dos grupos familiares e comunitários, passando a ser vivenciada como uma experiência individual e solitária, no contexto hospitalar (Kovács, 2021; Maranhão, 2017).

A partir da modernidade, sobretudo após os avanços da medicina e de outras ciências da saúde, os doentes passaram a ser transferidos para os hospitais, onde, já na internação, recebem tratamentos com o intuito de se evitar o morrer (Teixeira, 2016). Ao mesmo tempo que auxilia no processo de recuperação, esse processo coloca o sujeito em uma posição de sofrimento, uma vez que o doente pode não ter a consciência completa do seu estado de saúde e/ou terminalidade e, na maioria dos casos, os esforços não são suficientes para impedir que venham a óbito (Maranhão, 2017).

Por outro lado, apesar da existência do movimento de negação da morte, o morrer faz parte do ciclo natural da vida e do desenvolvimento humano (Kovács, 2021). Segundo Kovács (2021), morrer faz parte da vida e da existência humana e é tão natural quanto o nascer, de maneira que a morte passa a ser definida como o fim definitivo da vida. Contudo, estudos apontam que, socialmente, a morte ainda é mais esperada na velhice e negada na juventude (Aguilar et al., 2018; Brito et al., 2018; Kovács, 2021; Oliveira & Anderson, 2020; Silva et al., 2018). Para Teixeira (2016), culturalmente a morte está associada ao processo natural do envelhecimento. Mesmo por uma questão de semântica, a velhice é socialmente relacionada à morte, já que o termo “senente”, socialmente atribuído às pessoas que estão envelhecendo, também está ligado à palavra senil que, além de idade avançada, refere-se à fraqueza, à debilidade e às doenças degenerativas (Rosa & Rosa, 2010).

Entretanto, mesmo que a morte seja mais esperada na velhice, as pessoas não morrem apenas nessa faixa etária (Kovács, 2021; Silva, 2020). Problemas de saúde e até mesmo acidentes e outras intercorrências podem ocorrer em qualquer fase da vida e levar o paciente a óbito, independente da sua idade ou estado de saúde (Silva, 2020).

Por outro lado, apesar da morte ser um processo natural e poder ocorrer em qualquer etapa do desenvolvimento humano, ela não é esperada na juventude e, quando acontece nessa fase, a sociedade a interpreta como uma fatalidade e quebra do ciclo natural (Brito et al., 2018; Kovács, 2021; Medeiros, 2016). Esse rompimento no ciclo vital é explicado pelo fato de que a morte de um jovem contradiz as expectativas da sociedade, pois os jovens são representados como aqueles que possuem uma longa trajetória de vida, ainda no ápice da sua realização, possuindo beleza, saúde, projetos e sonhos, como a conclusão dos estudos, formar uma família, se tornarem independentes, dentre outros (Aguilar et al., 2018; Brito et al., 2018).

Ao mesmo tempo que a juventude é socialmente concebida como a faixa etária dos sonhos e das conquistas, esse grupo também apresenta números altos na taxa de mortalidade (Medeiros, 2016; Bizarria et al., 2022). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), as taxas de mortalidade entre os jovens brasileiros, de 18 a 29 anos, no ano de 2019, variaram de 1,114 a 1,514 por mil habitantes, sendo as principais causas aquelas relacionadas aos acidentes de trânsito, aos homicídios e ao suicídio (IBGE, 2020). Considerando as altas taxas de mortalidade e internações por causas externas, pode-se perceber que, apesar dos jovens estarem em um período em que são associados com o ápice da vida, a urgência e a emergência também são fenômenos que permeiam a vida desses sujeitos (Medeiros, 2016; Bizarria et al., 2022).

Apesar do grande número de jovens que adoecem e morrem por acidentes e homicídios, no Brasil, a construção de intervenções e políticas públicas de saúde, sobretudo aquelas voltadas à prevenção e posvenção dessas intercorrências, ainda se constituem como um grande desafio (Bizarria et al., 2022; Marques et al., 2022). O mesmo parece se repetir no âmbito acadêmico, já que estudos que se debruçam sobre os aspectos psicossociais do envolvimento de jovens em causas externas ainda são incipientes, exigindo maiores investimentos em investigações que contribuam para a compreensão do fenômeno e construção de ações em saúde (Marques et al., 2022).

Segundo Moura et al. (2018), a emergência corresponde a um processo com risco iminente de morte, que precisa ser tratado nas primeiras horas após a sua constatação. Já a urgência, segundo esses autores, se refere a um processo agudo, clínico ou cirúrgico, sem risco de morte iminente. Ao pensar nisso e relacionar com os dados de mortalidade dos jovens e o número de internações, percebe-se que esses sujeitos sofrem muitas intercorrências que podem os levar a um pronto socorro, em estado grave ou até mesmo com um risco de morrer elevado (J. B. Dantas et al., 2021).

Ao chegar a um serviço de emergência e urgência, além de ter sua rotina alterada inesperadamente por alguma intercorrência grave, o jovem se depara com a perda de sua autonomia, com alterações corporais e com a necessidade de procedimentos invasivos que fazem com que o indivíduo se sinta fora do seu ciclo social e da sua rotina de vida (Nicolau et al., 2018). Segundo Nicolau et al. (2018), essa experiência gera sentimentos de desamparo, desespero e angústia, os quais são potencializados tendo em vista que, nesse contexto, é recorrente que o paciente deixe a posição de sujeito e passe a ser visto um objeto de intervenção.

Por essa razão, é importante também evidenciar aqueles jovens que passam por uma intercorrência grave e que não se tornam um número na taxa de mortalidade, ou seja, que apesar de passaram por uma experiência próxima à morte, não morrem, de fato. Este pode ser o caso de sujeitos que vivenciam intercorrências de urgência e emergência como, por exemplo, os acidentes de trânsito e as tentativas de homicídio, que, dependendo da gravidade, podem causar lesões, deixar sequelas e até mesmo levar à morte (Medeiros, 2016). Estudos indicam que jovens que passam por uma experiência de intercorrência grave, como um acidente de trânsito, sofrem um impacto na vida (Azevedo, 2013; Carmo, 2010; Rodrigues, 2017). Para Rodrigues (2017) as vítimas precisam lidar com situações complexas como: o próprio acidente, as lesões, a reabilitação, as sequelas que podem ser temporárias ou permanentes.

De acordo com [Carmo](#) (2010) os jovens que sobrevivem aos acidentes de trânsito podem também desenvolver prejuízos psicológicos leves ou graves. Os leves provocam alterações na dinâmica de diversos âmbitos da vida do sujeito como: limitações na vida social, mudanças nas práticas sexuais, impactos nos relacionamentos afetivos e profissionais. Já os casos graves podem ocasionar, na vida do jovem, episódios depressivos graves com psicose, alucinações e lentidão motora, por exemplo ([Abdulah](#) et al., 2023; [Avanci](#) et al., 2021; [Carmo](#), 2010).

Além dos acidentes de trânsito, as tentativas de homicídio também causam impactos na sua saúde mental das vítimas ([Abdulah](#) et al., 2023; [Cunha & Santos](#), 2011; [Marques](#) et al., 2022). Para [Azevedo](#) (2013), o contato com a morte propriamente dita faz com que o jovem perceba a finitude, gerando sentimentos como angústia e desespero, já que, a partir daquele momento, supostamente, o que ele era, não é mais. Ao passar por uma experiência de um crime quase fatal, o sujeito se depara com marcas físicas que podem impedir o retorno a sua rotina e, conseqüentemente, afetar a vida socioeconômica ([Avanci](#) et al., 2021; [Rodrigues](#), 2017). Por outro lado, é recorrente que o jovem sobrevivente se defronte com o medo e o trauma que, na maioria dos casos, pode fazer com quem a vítima não queira frequentar os mesmos lugares de antes, com o receio de acontecer novamente, produzindo alterações na vida social. Além disso, nas tentativas de homicídio é recorrente que as vítimas lidem com sentimento de revolta, na maioria das vezes, pela impunidade dos autores do crime ([Avanci](#) et al., 2021; [Cunha & Silva](#), 2011).

Diante disso, é essencial entender como essa experiência é vivenciada e quais os seus impactos na vida do sujeito que se deparam com ela. Nesse sentido, esse estudo tem como objetivo compreender e analisar a experiência de jovens sobreviventes de acidentes de trânsito e de tentativas de homicídios.

## Método

Trata-se de um estudo qualitativo que contou com a participação de oito jovens, residentes do Estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, foram realizadas entrevistas narrativas que, segundo [Santos](#) et al. (2019), enfatizam a compreensão dos relatos e experiências

dos sujeitos acerca de fatos, episódios e acontecimentos que se mostram relevantes para a compreensão do fenômeno estudado.

As entrevistas foram realizadas pela primeira autora, com formação em Psicologia, entre os meses de janeiro de fevereiro de 2022, em dias e horários indicados pelos próprios participantes. Considerando que o estudo foi desenvolvido durante a pandemia de COVID-19, as entrevistas foram realizadas de forma remota, com auxílio da ferramenta Google Meet. As entrevistas foram orientadas por um roteiro semiestruturado, organizado a partir dos seguintes eixos temáticos: a) perfil sociodemográfico; b) narrativas dos jovens sobre as ocorrências de acidentes de trânsito e tentativas de homicídios; c) mudanças percebidas após essas experiências.

A seleção dos jovens participantes foi feita por meio de postagens em redes sociais da primeira autora e também por indicações dos participantes. Os critérios de inclusão foram: a) ter idade entre 18 e 29 anos, b) residir no estado de Mato Grosso do Sul, c) ter sofrido acidente de trânsito ou tentativa de homicídio, em um tempo mínimo de seis meses e um tempo máximo de cinco anos anterior à entrevista d) aceitar ao convite de participação e, e) assinar o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE). Por conseguinte, foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: a) pessoas com idade inferior a 18 e superior a 29 anos, b) jovens que residiam em outros estados do país, c) jovens que não sofreram acidente de trânsito ou tentativa de homicídio ou que viveram essas experiências há menos de seis meses da realização das entrevistas, d) jovens que não aceitaram participar da pesquisa ou se recusaram a assinar o TCLE.

Conforme a Tabela 1, foram entrevistados oito jovens, sendo cinco homens e quatro mulheres. Apenas dois jovens convidados manifestaram recusa após o convite. A média da idade dos participantes foi de 25,3 anos e a renda familiar média de R\$2.231,25. Dentre os entrevistados, cinco residem em Campo Grande e outros três no interior do estado do MS. Em relação à situação ocupacional, no momento da entrevista seis trabalhavam e dois estavam desempregados. Quanto ao tipo de intercorrência vivenciada, a maioria dos participantes sofreu acidente de trânsito e apenas um dos jovens entrevistados sobreviveu a uma tentativa de homicídio.

**Tabela 1.** Participantes do estudo

Nome fictício	Idade	Intercorrência	Cidade	Religião	Situação ocupacional	Renda (R\$)
Tatiana	19	Acidente de trânsito	Campo Grande	Acredita em Deus	Trabalha	2.000,00
Mônica	24	Acidente de trânsito	Campo Grande	Católica	Trabalha	Depende das entregas
Diego	25	Acidente de trânsito	Três Lagoas	Católico	Desempregado	350,00
Gustavo	29	Tentativa de homicídio	Campo Grande	Acredita em Deus	Trabalha	5.000,00
Heitor	23	Acidente de trânsito	Sidrolândia	Católico	Aposentado	1.500,00
Camila	29	Acidente de trânsito	Sidrolândia	Não tem	Estudante	Não tem
Thiago	29	Acidente de trânsito	Campo Grande	Católico	Trabalha	4.000,00
Caio	25	Acidente de trânsito	Campo Grande	Católico	Trabalha	4.000,00

Fonte: os autores (2023)

As entrevistas duraram em média 30 minutos, foram gravadas, transcritas e analisadas na perspectiva da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Assim, como proposto por Bardin (2016), a análise foi feita através de uma transcrição da entrevista e após essa transcrição literal, seguidas três etapas. Na primeira etapa, denominada de “pré-análise”, realizou-se a leitura flutuante do conjunto de transcrições, e foi feita a primeira organização dos conteúdos, relacionando-os aos objetivos da investigação. Em seguida, na etapa denominada “exploração do material”, foi feita a codificação das transcrições e a criação das categorias de análise. Por fim, na etapa de “tratamento de dados” realizou-se a interpretação dos resultados obtidos nas entrevistas e a construção de inferências analíticas, a partir das categorias identificadas (Bardin, 2016; Sousa & Santos, 2020).

Os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, enviados aos participantes a partir da manifestação do interesse de participação e recolhidos pelos pesquisadores de forma eletrônica e digitalizada antes do início das entrevistas. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo parecer 5.066.889.

## Resultados

Após a análise das entrevistas foram construídas duas grandes categorias. A primeira se refere aos relatos sobre como era a rotina dos participantes no período anterior às intercorrências, ao momento exato das intercorrências e as suas consequências. A segunda categoria inclui as narrativas dos entrevistados acerca das mudanças de vida experienciadas após o acidente de trânsito ou tentativa de homicídio.

### Intercorrências e quebra de rotina

Conforme pode ser observado nas narrativas dos entrevistados, a rotina dos jovens, antes da intercorrência, era marcada por um cotidiano composto por muitas atividades, sejam aquelas relacionadas ao trabalho, como também em relação aos estudos, aos afazeres domésticos e às atividades de lazer. Alguns dos entrevistados lembram que, naquele período, a rotina era “bem pesada” e havia “correria”, não sobrando, muitas vezes, tempo para o lazer.



*“Eu trabalhava em uma empresa de máquinas agrícolas [...], estudava à noite e de madrugada, fazia musculação, academia [...]. Minha rotina era bem pesada. Eu não tinha tempo pra fazer muitas coisas, assim” (Heitor, 23).*

*“Trabalhava das sete da manhã a uma da tarde [...]. Ia para a academia, voltava, tomava um banho, ia pra faculdade e voltava dez da noite. Era muita correria” (Diego, 25).*

*“Eu acordava oito horas, estudava um pouco, fazia as coisas de casa [...], saía meio-dia e meio e voltava nove horas da noite. Não tinha muito tempo pra diversão” (Tatiana, 19).*

No que se refere ao dia em que ocorreram as intercorrências, os entrevistados recordam que estavam seguindo a rotina, ou seja, indo ou voltando do trabalho e também se direcionando à faculdade. É perceptível, através das falas, que o momento das intercorrências foi inesperado, produzindo uma mudança de planos, tanto no que se refere à chegada no destino planejado quanto no que se refere aos projetos existenciais. Sobre o momento das intercorrências, os entrevistados relatam que “não se recordam” do que realmente aconteceu, mas apenas lembram o que estavam fazendo antes e o que ocorreu após.

*“[...] Eu estava indo para a faculdade, da minha cidade até a capital [...]. Eu não sei o que aconteceu, não recordo. Só lembro de acordar e estar sendo socorrida pelos bombeiros e indo para o hospital” (Camila, 29).*

*“Eu estava saindo do meu serviço e eu ia pra casa do meu namorado junto com ele [...]. Só me recordo de ter furado o pare e depois de estar no chão sendo socorrida e sendo levada para o hospital [...]” (Tatiana, 19).*

*“Eu estava viajando para trabalhar [...]. Foi na estrada. Não me recordo muito bem do impacto, só me recordo de estar chegando no hospital” (Thiago, 29).*

Observa-se que, para os jovens entrevistados, as intercorrências se deram por responsabilidade de outros sujeitos, atingindo-os de forma brusca e inesperada. Nesse sentido, os entrevistados relatam situações de erros de outros motoristas que culminaram nos acidentes de trânsito relatados, assim como o envolvimento em brigas de terceiros, com a intenção de apaziguar a discussão. Mais uma vez, nota-se que as intercorrências foram vivenciadas pelos participantes como algo inesperado:

*“Eu estava em casa, não ia sair. Aí um amigo meu me chamou pra ir comer um lanche [...]. Não entendi muito bem na hora da batida, mas disseram que um motorista embriagado furou um sinal, um pare, e acabei acertando o carro dele” (Caio, 25).*

*“Eu estava viajando a trabalho. Não me lembro de nada da batida. Não entendi na hora, mas depois ficou constatado que o pneu do outro carro, que vinha em alta velocidade, no sentido contrário ao meu, furou, invadiu minha pista e me pegou de frente” (Thiago, 29).*

*“Eu estava em casa quando, de repente, minha mãe começou a brigar com meu tio [...]. Fui defender minha mãe e eu não sei como, não me recordo, meu tio, em um acesso de raiva, tirou uma faca do bolso e me desferiu sete facadas na região do abdômen” (Gustavo, 29).*

Os entrevistados foram socorridos por pessoas que estavam próximas ao local das intercorrências, as quais acionaram os serviços de emergência para que fossem levados ao hospital. Ao recuperarem a consciência, os jovens ligaram para seus familiares com o intuito de sentirem “seguros”, se “acalmarem” e pela “preocupação” sobre como os familiares iriam reagir à notícia. Além disso, nota-se que os familiares são percebidos, pelos entrevistados, como pessoas em quem confiavam para que tomassem providências, principalmente em relação aos veículos que estavam no local dos acidentes.

*“[...] Pessoas que estavam próximas do acidente e que viram tudo, ligaram para os bombeiros. Quando eu acordei, liguei para o meu marido, queria falar com ele [...], naquele momento e me sentir segura de que ele resolvesse os rolos com meu carro” (Camila, 29).*

*“O motorista do carro que eu acertei ligou para o socorro. Os socorristas estavam me atendendo no chão, ainda. Eu liguei para os meus pais, para ficar mais calma [...] e meu pai precisava ir para o local para conversar com o motorista do carro e pegar minha moto. Não queria que ela ficasse na rua” (Tatiana, 19).*

*“As pessoas que estavam passando na rua chamaram o socorro. Quando chegaram, pedi para ligar para minha família. Eu queria contar para eles. Fiquei preocupado em como os meus pais iam reagir e também alguém precisava buscar minha moto” (Diego, 25).*

Ao chegarem no hospital, os entrevistados se depararam com a necessidade de realização de exames, procedimentos e, em alguns casos, de internação.

Aqueles que permaneceram apenas em observação, ou que foram submetidos a pequenas cirurgias, afirmam que esse processo não teve impacto significativo, apesar de incômodo. No entanto, houve também internações mais longas e mais complexas, onde surgiram sentimentos de “incerteza”, sobretudo por não saberem os desfechos da sua situação. Além disso, os entrevistados também relatam a presença do “medo” da morte pela segunda vez, agora devido à cirurgia. Desse modo, é possível observar que esses jovens passaram por sentimentos como medo e incerteza durante todo o processo e não somente no momento exato da intercorrência.

*“Eu fui levada para o hospital. Fiquei o dia todo lá, em observação. Fiz raio-x para ver se tinha quebrado algo, depois fui liberada [...]” (Mônica, 24).*

*“Eu cheguei no hospital na quinta à noite. Fiquei o dia todo esperando minha cirurgia do osso para colocar uma haste [...] e fui liberada na sexta à noite. Fiquei só um dia” (Tatiana, 19).*

*“Eu fiquei 10 dias internado. Foi um período de muito medo, pois eu não sabia se ia precisar amputar minha perna. Foram dias que eu não sabia o que ia acontecer comigo” (Thiago, 29).*

*“Eu fiquei 15 dias internado. Foi a parte mais difícil, pois precisei fazer uma cirurgia, onde quase morri, pela segunda vez, devido a uma reação alérgica de medicamento. Deu muito medo” (Caio, 25).*

### **Mudanças percebidas após as experiências**

Analisando o conjunto de entrevista, nota-se que os impactos das intercorrências, na vida desses jovens, foram, em grande parte, negativos. Nesse sentido, os entrevistados contam que se viram às voltas com a necessidade de uma reorganização da vida cotidiana, deixando de fazer “algo que estavam acostumados” ou de “ver” situações que antes eram normais. É perceptível que, a partir do momento em que ocorreram as intercorrências, houve um impacto emocional e também mudanças bruscas que exigiram a interrupção de atividades prazerosas e a adaptação a um novo modo de vida, marcado pela limitação e, até mesmo, pela dependência de cuidados de terceiros, como pode ser visto nas falas a seguir:

*“Eu comecei a trancar a porta do meu quarto, coisa que eu não fazia antes [...]. Hoje, eu também não consigo mais ver coisas violentas: nem em notícia, filme ou ao vivo” (Gustavo, 29).*

*“Os impactos foram totais na minha vida. Primeiro com a notícia que eu não poderia mais andar [...]. Depois o médico me falou que eu não poderia mais praticar esportes. Foi difícil acostumar com a nova vida” (Thiago, 29).*

*“Foi um impacto muito grande no meu psicológico, por causa de que tudo parecia que ia desmoronar, acabar [...]. Me abalou muito ter ficado dependente até pra trocar de roupa” (Heitor, 23).*

No que tange às mudanças de comportamento, após os ocorridos parte dos entrevistados não precisou fazer alterações bruscas em sua vida cotidiana, interrompendo a rotina por um período menor do que outros participantes que tiveram o quadro mais agravado. Já os jovens que sofreram intercorrências graves relatam que elas interferiram em suas vidas, impossibilitando algumas atividades importantes, como as atividades físicas e a condução de veículos, como pode ser visto na fala dos participantes:

*“Eu precisei parar de treinar, ir pra festa, de andar de moto, de ir no mercado, várias coisas [...]” (Caio, 25).*

*“Hoje eu não dirijo mais sozinha na BR. Na verdade, eu tento evitar dirigir até a minha cidade” (Camila, 29).*

*“Eu não piloto mais na estrada e muito menos viajo de moto. Tento evitar, ao máximo, andar de moto” (Mônica, 24).*

Ainda nesse contexto, os jovens participantes também chamam a atenção para o impacto dessas experiências em sua vida profissional. Em função das intercorrências, os entrevistados foram afastados de suas atividades laborais e alguns deles relatam terem perdido os empregos. Outros jovens também precisaram interromper os estudos, seja adiando-os ou se deparando com a necessidade de sua interrupção definitiva, em função das sequelas dos acidentes.

*“É, foi afetada. Fiquei afastado e perdi meu emprego. Meu patrão não quis dar assistência” (Thiago, 29).*

*“Com o trabalho, eu cortei relações [...]. Me mandaram embora, pois não consegui levar o papel a tempo [...]” (Heitor, 23).*

*“Eu estava fazendo a dissertação do meu mestrado. Fiquei parado só o tempo que fiquei internado. Logo voltei a escrever, sem problemas” (Gustavo, 29).*

*“A minha relação com o estudo alterou muito, pois tive que desistir do meu sonho de ser médico veterinário, pois como fiquei cadeirante, ia ser difícil, para mim, seguir nessa carreira” (Heitor, 23).*

Em relação às sequelas físicas, os entrevistados relataram, principalmente, a “dor” que, segundo eles, “sempre aparece” e faz com que eles se lembrem do momento da intercorrência. Eles destacam a dor física, já que passaram por alguns procedimentos e cirurgias, sendo submetidos a tratamentos invasivos e dolorosos. Para outros jovens entrevistados, as sequelas físicas foram ainda mais significativas, como no caso de um participante que ficou paraplégico, após o acidente, exigindo a elaboração de novas formas de encarar a vida e reaprender a lidar com seu próprio corpo.

*“Hoje eu ainda sinto dor no meu ombro. Não consigo fazer muito movimento brusco e, todas vezes, eu lembro do acidente e fico mal” (Mônica, 24).*

*“Diz que quando a gente quebra o tornozelo, não volta mais o normal. Quando faz frio, eu manco, dói né [...]” (Camila, 29).*

*“Além das dores, eu não consigo dobrar a minha perna direito, meus movimentos são mais limitados [...]” (Thiago, 29).*

*“Paraplégico, fiquei paraplégico. Daí perdi os movimentos dos membros inferiores. Foi essa sequela. Tive que reaprender a fazer tudo” (Heitor, 23).*

Além das sequelas físicas as intercorrências também deixaram sequelas estéticas nos jovens, como as “cicatrizes”. Analisando a fala dos entrevistados, percebe-se que, apesar de não se tratarem de lesões profundas ou permanentes, essas marcas são percebidas como “manchas” que ficam no corpo e que, muitas vezes, podem dar “vergonha” ou “constrangem”. Além disso, elas contribuem para que as pessoas fiquem “curiosas” e perguntem como aconteceu, fazendo com que os entrevistados tenham que reviver o dia da intercorrência.

*“Na minha perna, ficaram as cicatrizes da cirurgia, que fizeram para colocarem a haste [...]. Essas cicatrizes são as marcas de um dia que quero esquecer” (Tatiana, 19).*

*“A única sequela que eu tive foram as manchinhas de onde entraram as facas. Sempre me lembram do dia” (Gustavo, 29).*

*“Esteticamente, acho que foi a parte mais difícil. De mostrar a minha perna [...]. Todo mundo me perguntava. Acho que foi a parte mais difícil, de mostrar a minha perna [...]. Todo mundo me perguntava e isso me constrangia, além de eu achar feio e não gostava de lembrar” (Caio, 25).*

Os entrevistados também afirmam que, após as intercorrências, perceberam mudanças nas formas de pensar. Segundo os participantes, desde o evento, passaram a repensar a forma como viviam antes, tanto no que se refere ao modo como se relacionavam com outras pessoas, como também a maneira de viver, sem pensar nas consequências. É perceptível, através das falas, que os pensamentos após as intercorrências se voltaram para uma maior valorização da vida e de cada momento.

*“[...] hoje eu tenho um pensamento diferente: não vivo mais sem pensar nas consequências dos meus atos e não deixo pra depois nada. Por isso dou valor a cada pequena coisa que consigo fazer” (Thiago, 29).*

*“Mudou um pouco a forma de pensar, de ver a vida, assim... de ver o quanto a vida é frágil” (Caio, 25).*

*“Eu pensei: nossa, preciso ser uma pessoa melhor! Melhorei meu relacionamento com as pessoas que eu não tinha um bom relacionamento” (Tatiana, 19).*

Ainda nessa direção, os entrevistados também relatam as mudanças percebidas no como percebem e vivenciam a juventude. Conforme pode ser observado, em algumas falas, as intercorrências os colocaram diante da iminência da morte, contribuindo para uma maior valorização da vida.

*“Com certeza, mudou bastante [...]. Amadureci bastante! [...]. Quando você passa por uma situação entre a vida e a morte, você começa a valorizar a vida. Você vê que é uma segunda chance” (Heitor, 23).*

*“Mudou, principalmente de aproveitar mais o dia, os momentos, cada detalhe. Dei mais valor à vida” (Thiago, 29).*



## Discussão

*“Eu acho que me sinto mais feliz em viver, muito mais grata. Foi um grande marco para mim, um recomeço” (Tatiana, 19).*

No que tange à relação com a família e os amigos, os entrevistados afirmam que a relação mudou para melhor, pois conseguiram identificar quem realmente se importa com eles. Nota-se, portanto, que apesar de traumáticas, as intercorrências contribuíram para que esses jovens se aproximassem mais da família e selecionassem os amigos melhor, ou até mesmo restabelecessem as relações com quem estavam distantes.

*“A minha relação com a minha mãe se fortaleceu mais [...]. Meu pai, que teve a percepção de morte de perto, ficou mais perto de mim [...]. Depois do acidente, eu sei quem são meus amigos” (Thiago, 29).*

*“Hoje eu tenho uma amizade melhor com a minha mãe e com meu pai. Meus amigos, foram poucos que ficaram” (Diego, 25).*

*“Sempre fui bem próximo da minha mãe e da minha vó [...] e eu tenho uns amigos antigos que eu não falava por conta de política [...]. Logo o ocorrido, minha mãe ligou pra eles e eles foram ao hospital. Então isso nos reaproximou” (Gustavo, 29).*

Vale ressaltar que os entrevistados também caracterizam o momento atual, após as intercorrências, como um “recomeço”, reconhecendo, como uma experiência “gratificante”, terem sobrevivido. Para esses jovens, a sobrevivência é marcante não só pelo fato de terem passado por isso, mas por terem tido uma nova chance para realizar sonhos e planos, com uma nova forma de pensar, como revelam algumas falas:

*“Acaba sendo um recomeço, né [...]. Aproveitar mais a vida ou ser mais produtivo” (Gustavo, 29).*

*“Agora é gratificante [...]. Agradeço por estar vivo, por ter aprendido com a minha dor, com meu sofrimento e ter sobrevivido” (Caio, 25).*

*“Eu pensei: nossa, sou tão nova tão nova e já passei por isso! Fiquei com medo de não sobreviver, mas estou aqui e tive a chance de viver melhor e realizar meus sonhos” (Mônica).*

No presente estudo, o discurso dos jovens entrevistados aponta para as implicações existenciais das experiências de acidentes de trânsito e tentativas de homicídio na vida dos jovens sobreviventes. Em outras palavras, as intercorrências colocaram os jovens diante da facticidade da finitude humana, de forma brusca e inesperada, gerando angústia e sofrimento, sobretudo em relação à possibilidade da morte e da alteração de seus projetos de vida (Martins et al., 2012).

Os resultados da presente investigação corroboram com a literatura científica nacional e internacional que vem destacando os impactos que as causas externas produzem nos sobreviventes, incluindo os jovens (Bizarria et al., 2022; Marques et al., 2022; Nicolau et al., 2018; Rodrigues, 2017). Em situações de adoecimento grave, como as situações vivenciadas pelos entrevistados, é recorrente que, além da internação hospitalar, esses sujeitos passem a conviver com sequelas graves que, na maioria das vezes, fazem com que haja uma perda de autonomia e alterações corporais permanentes, gerando sentimentos de angústia e desespero, pois existem muitas incertezas quanto ao futuro e à recuperação (Azevedo, 2013; Carmo, 2010; Nicolau et al., 2018).

As sequelas físicas e psicológicas são as principais consequências das intercorrências na vida dos jovens entrevistados, pois por causa delas os sujeitos precisaram mudar a forma como viverão suas vidas (Nicolau et al., 2018; Rodrigues, 2017). De acordo com Carmo (2010), os jovens que sobrevivem às intercorrências graves têm sua dinâmica da vida alterada e desenvolvem limitações que, na maioria das vezes, os impedem de seguir com a rotina, exigindo uma reformulação dos seus projetos de vida. Além disso, as marcas físicas da intercorrência quase fatal também fazem com que os sujeitos mudem hábitos que antes eram comuns, por exemplo, passam a evitar alguns lugares ou algumas interações sociais (Rodrigues, 2017).

Corroborando com os achados da presente investigação, estudos apontam que para além das sequelas físicas e psicológicas que surgem, após intercorrências graves os jovens sobreviventes também experienciam mudanças nos relacionamentos pessoais,

sobretudo com família e amigos, assim como em relação ao trabalho e aos estudos (Abdulah et al., 2023; Avanci et al., 2021; B. L. L. Dantas et al., 2021). Conforme destacam Costa et al. (2017), a proximidade com a morte faz com que haja uma maior valorização dos laços afetivos, pois não se sabe quando será o momento do rompimento. Além disso, a intercorrência não causa impacto somente em quem sofre, mas ainda na rede de apoio inteira, pelo fato de ocorrerem mudanças na dinâmica familiar e comunitária (Costa et al., 2017).

Para Azevedo e Dutra (2015), a maioria dos jovens vive a vida sem se aprofundar em pensamentos sobre o adoecimento e a morte. Porém, ao se depararem com um evento trágico, que quase os leva à morte, é recorrente que esses sujeitos tomem consciência da finitude e atribuam maior importância às suas vidas. Apesar da gravidade dessas intercorrências e dos sofrimentos que elas geram, estudos apontam que os sobreviventes passam a refletir sobre sua existência e reconstróem o sentido da vida, passando a valorizar atitudes e ações mais coerentes com seu projeto existencial e a se distanciar, quando possível, daquilo que julgam não ser importante e essencial, passando a aproveitar cada momento (Carmo, 2010; Costa et al. 2017; Martins et al., 2012). Segundo B. L. L. Dantas et al. (2021) a morte traz valor à vida e nos obriga a pensar o que estamos fazendo e como estamos vivendo e isso acontece especialmente quando nos deparamos com situações que nos colocam diante da morte (B. L. L. Dantas et al., 2021).

A experiência torna-se ainda mais intensa ao considerarmos que os participantes se encontram inseridos em um contexto social e cultural que atribui a morte ao envelhecimento, minimizando os espaços para que os jovens possam refletir sobre a finitude humana (Aguiar et al., 2018; Brito et al., 2018; Kovács, 2021; Oliveira & Anderson, 2020; Silva et al., 2018). Conforme destaca Medeiros (2016), culturalmente não se espera que a morte acometa o jovem e, quando ela ocorre, é vista como uma ruptura do ciclo natural do desenvolvimento humano. Apesar das transformações sociais, é recorrente que as pessoas desejem morrer na velhice, pois acreditam que o corpo já estará mais enfraquecido e mais propenso a ter

doenças ou outros problemas físicos (Aguiar et al., 2018; Brito et al., 2018; Silva, 2020).

Esses aspectos, recorrentes na literatura científica (Carmo, 2020; Cunha & Santos, 2011; Melo & Mendonça, 2021; Rodrigues, 2017), e também identificados no presente estudo, apontam para a necessidade de construção de estratégias de saúde mental, integrais e intersetoriais, que auxiliem os sujeitos e as suas famílias na retomada de suas vidas. Vale destacar que não se trata apenas de ações de reabilitação física e funcional, mas sim de práticas de cuidado que considerem os diversos efeitos psicológicos, e que auxiliem na reinserção social dos sobreviventes.

Essa tarefa torna-se ainda mais necessária ao considerarmos os aspectos existenciais que exigem desses jovens a reconfiguração dos seus projetos de vida, exigindo novos sentidos para a existência e rompendo a biografia dos sobreviventes, num antes e depois das intercorrências. Nessa vertente, Martins et al. (2012, p. 60) destacam que “A enfermidade, enquanto privação, impõe ao sujeito que adoece diversas limitações, seja na forma de relacionar-se com os entes, consigo e ainda com seus semelhantes, limitando sua liberdade. Dessa forma, o ser que adoece apresenta novas solicitações ao mundo e do mesmo modo recebe novas demandas deste. O adoecimento propicia uma ferida no projeto existencial do homem, já que o projeto anterior ao adoecimento não poderá ser concretizado como planejado ou deverá ser ressignificado de modo que possa ser executado tendo em vista as limitações e restrições em que se encontra”.

Também é preciso levar em conta que, ainda hoje, os serviços de saúde, especialmente aqueles relacionados à urgência e emergência, encontram-se fortemente marcados pelo modelo biomédico e, portanto, priorizam a assistências dos aspectos biológicos (Souza et al., 2019). Sem desconsiderar a importância desse tipo de tratamento para as vítimas de acidentes de trânsito e sobreviventes de tentativas de suicídio, faz-se necessária a construção de ações de cuidado que considerem a integralidade do sujeito, incluindo espaço para intervenções que considerem os impactos sociais e psicológicos dessas intercorrências na vida dos jovens, suas famílias e redes de sociabilidade (Souza et al., 2019).

## Considerações finais

O discurso dos jovens entrevistados revela as implicações negativas decorrentes das intercorrências inesperadas e graves como foram os acidentes de trânsito e tentativa de homicídio. Nesse contexto, observa-se que as ocorrências causaram muitas consequências negativas, incluindo sofrimentos psicológicos e físicos, que contribuíram para que os sujeitos mudassem a forma como pensavam e agiam. Além disso, as limitações físicas e os impactos psicológicos geraram medo e angústia, impedindo-os, muitas vezes, de realizarem atividades que anteriormente eram comuns.

Apesar dos aspectos negativos, os jovens entrevistados relatam que, após o confronto com a morte, surgiu um sentimento maior de valorização da vida. Antes das intercorrências, os jovens viviam sem pensar na morte, e após passarem por uma situação grave passaram a considerar a sobrevivência como uma oportunidade de recomeço. Desde então, passaram a valorizar cada momento e a evitar o que pode causar ou fazer reviverem a experiência traumática.

No que diz respeito às contribuições desta pesquisa para a Psicologia, é importante reforçar a necessidade de aprofundar os estudos nessa área, pois pesquisas que apontam para experiência de jovens sobreviventes de intercorrências graves, no Brasil, ainda são incipientes. Além disso é essencial uma maior compreensão dessas experiências, com o intuito de contribuir com elaboração de estratégias em saúde para ajudar esses jovens a lidarem com as consequências das ocorrências que, muitas vezes, são graves e permanentes.

Tais investigações são essenciais para a construção de intervenções em saúde, sejam individuais ou coletivas, no contexto clínico ou institucional, que contribuam para o acolhimento e para que os jovens sobreviventes retomem sua vida e seu projeto existencial, muitas vezes alterado pelo próprio adoecimento. Essas ações não devem se restringir aos jovens sobreviventes, mas precisam incluir os familiares e os amigos e demais sujeitos que integram as redes de sociabilidade, os quais também vivenciam sofrimento diante do sofrimento do jovem.

Uma das limitações do estudo se refere à realização das entrevistas por meio remoto, considerando as medidas de distanciamento social, impostas pela pandemia de COVID-19. Em um contexto social que inclui desigualdades de acesso dos jovens às tecnologias e à internet, é possível que a estratégia tenha limitado a participação de grupos socialmente vulneráveis. Além disso, é preciso considerar que a interação social mediada por câmera e dispositivo eletrônico (ex. computador, celular, etc.) é distinta do contato presencial que permite incluir mais elementos à análise, a partir do contexto da entrevista.

Por fim, é preciso destacar que o presente estudo se limitou a compreender as percepções de um grupo reduzido de jovens de um estado do centro-oeste brasileiro. Nessa perspectiva, os dados aqui apresentados e discutidos dizem respeito a experiências de jovens residentes de centros urbanos. Novos estudos poderão ser desenvolvidos considerando outros marcadores sociais, como gênero, raça, etnia, classe social e ampliar a compreensão sobre especificidades de determinados grupos de jovens, como os indígenas, negros, pobres, lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBTQIA+), dentre outros. Também sugerimos a realização de estudos quantitativos que, por meio de instrumentos como escalas, poderão avaliar, de forma mais objetiva, os impactos causados por acidentes de trânsito ou tentativa de homicídio na vida de diferentes grupos de jovens brasileiros. Por fim, vale destacar a importância de ter estudos mais profundos e que foquem em como os jovens lidam com as sequelas e se adaptam a uma nova vida.

## Contribuições dos autores

Borges, B. F. participou da concepção da pergunta de pesquisa, delineamento metodológico, coleta e análise qualitativa dos dados da pesquisa, interpretação dos resultados, redação do artigo científico. Martins, A. M. orientou e supervisionou todas as etapas da pesquisa e orientou a redação do manuscrito. Todos os autores revisaram e aprovaram a versão final e estão de acordo com sua publicação.

## Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

## Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



## Referências

- Abdulah, D. M., Abdulla, B. M. O., & Liamputtong P. (2023). The lived experience of surviving from the Islamic State attack and capture in Iraq and Syria: An arts-based qualitative study with Yazidi young women [Linha de cuidado para a atenção à morbimortalidade por causas externas em adolescentes e jovens]. *International Journal of Social Psychiatry*, 69(1), 117–133. <https://doi.org/10.1177/00207640211068981>
- Aguiar, A., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. S. (2018). Envelhecimento e Prática de Rejuvenescimento: Estudo de Representações Sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 494–506. <https://doi.org/10.1590/1982-37030004492017>
- Avanci, J. Q., Serpeloni, F., Oliveira, T. P., & Assis, S. G. (2021). Posttraumatic stress disorder among adolescents in Brazil: a cross-sectional study [Transtorno de estresse pós-traumático entre adolescentes no Brasil: um estudo transversal]. *BMC Psychiatry*, 21, 75. <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03062-z>
- Azevedo, A. K. S. (2013). *Não há você sem mim: histórias de mulheres sobreviventes de uma tentativa de homicídio* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17399>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bizarria, F. P. A., Figueredo, I. B., Cavalcante, S. N., Silva, E. J. D., & Barbosa, F. L. S. (2022). Políticas Públicas de Saúde para a Juventude - Estudo Bibliométrico e Agenda de Pesquisa com base na Web of Science. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10), 3975–3985. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.04812022>
- Brito, A. M. M., Belloni, E., Castro, A., Camargo, B. V., & Giacomozzi, A. I. (2018). Representações sociais do cuidado e da velhice no Brasil e Itália. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e3455. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3455>
- Carmo, T. M. (2010). *Acidentes de trânsito e produções de sentidos* [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Dom Bosco]. UCDB. <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8126-acidentes-de-transito-e-producao-de-sentidos.pdf>
- Costa, D. H., Schenker, M., Njaine, K., & Souza, E. R. (2017). Homicídio de jovens: os impactos da perda em famílias de vítima. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 27(3), 685–705. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300016>
- Cunha, T., & Santos, C. (Eds.). (2011). *Artigo feminino: elas no sul e no norte*. Vento Norte Cartonero.
- Dantas, J. B., Borge, J. E. R., & Dutra, A. B. (2021). Entre a morte e a experiência da finitude: histórias e diálogos com o contemporâneo. *Revista do NUFEN*, 13(1), 41–55. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912021000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000100004)
- Dantas, B. L. L., Oliveira Júnior, J. H., Batista, J. F. C. (2021). Morbidade por causas externas como fator de internação hospitalar no Brasil em 2019. *Ciências Biológicas e de Saúde Unit*, 6(3), 109–120. <https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/9964>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Tábuas completas de mortalidade*. IBGE. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9126-tabuas-completas-de-mortalidade.html?=&t=o-que-e>
- Kovács, M. J. (2021). *Educação para a morte: quebrando paradigmas*. Sinopsys.
- Maranhão, J. L. S. (2017). *O que é morte*. Editora Brasilense.
- Marques, M., Barbiani, R., Nora, C. R. D., Cremonese, L., Miguel, T. B., Ciconet, R. M., & Farias, E. R. (2022). Line of care for the attention to morbimortality from external causes in adolescents and young people [Linha de cuidado para a atenção à morbimortalidade por causas externas em adolescentes e jovens]. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(suppl 2), e20200428. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0428>

- Martins, A. M., Savassi, L. C. M., Almeida, S. S. L., & Modena, C. M. (2012). Privação e padecimento: uma compreensão existencial do ser-hanseniano. *Hansenologia Internationalis*, 37(1), 59-67. <https://doi.org/10.47878/hi.2012.v37.35087>
- Medeiros, M. D. R. (2016). *Violência no trânsito e juventude interrompida: Os impactos da morte extemporânea no seio familiar*. [Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário Católico de Vitória]. <https://unisaes.br/wp-content/uploads/2021/10/tcc-engprod-matheus-1.pdf>
- Melo, W. A., & Mendonça, R. R. (2021). Caracterização e distribuição espacial dos acidentes de trânsito não fatais. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 29(1). <https://doi.org/10.1590/1414-462X202129010364>
- Moura, A., Carvalho J. P. G., & Silva, M. A. B. (2018). Urgência e emergência: conceitos e atualidades. *Saúde & Conhecimento*, 1(1), 12-18. <https://periodicos.univag.com.br/index.php/jornaldemedicina/article/view/744>
- Nicolau, I. F., Prado, J. A., Gonçalves, L. P. P., Pacheco, R. F., & Souza, S. D. (2018). Consideração acerca da atuação da psicologia frente a situações de violência em um hospital de urgência e emergência. *Revista Médica de Minas Gerais*, 28(suppl 5), 140-160. <https://rmmg.org/artigo/detalhes/2444#>
- Oliveira, P. I. D., & Anderson, M. I. P. (2020). Envelhecimento, finitude e morte. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 15(42), 2195. [https://doi.org/10.5712/rbmf15\(42\)2195](https://doi.org/10.5712/rbmf15(42)2195)
- Paula, B., & Souza, L. A. (2020). O tabu da morte na modernidade: a COVID-19 como um reforço ao interdito. *Caminhos de Diálogo*, 8(13), 165-176. <https://doi.org/10.7213/cd.a8n13p165-176>
- Rodrigues, E. F. (2017). *Trauma, trânsito e vítimas: um olhar sobre a pessoa e a família* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.7.2018.tde-27042018-105029>
- Rosa, A. E. S. K., & Rosa, E. P. K. (2010). Análise do memorial da finitude de Sartre na obra "A cerimônia do adeus", de Simone de Beauvoir. *Memorialidades*, 7(13), 121-142. <http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/105>
- Santos, Z. P., Bortolin, S., & Alcará, A. (2019). Entrevista narrativa: possibilidade de aplicação na Ciência da informação. *Rebecin*, 6(2), 44-66. <http://dx.doi.org/10.24208/rebecin.v6i2.188>
- Silva, G. S. R., Marinho, L. M. S., Silva, F. W. S., Rocha, F. C. V., Landim, C. A. P., & Lago, E. C. (2018). Visão do idoso sobre a morte. *Revista Interdisciplinar*, 11(4), 30-41. <https://uninovafapi.homologacao.emnuvens.com.br/revinter/article/view/1173>
- Silva, E. P. L. (2020). *Contextos de institucionalização da velhice e representações sociais da morte: a perspectiva de idosos institucionalizados* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Institucional da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38194>
- Sousa, J. R., & Santos, S. C. M. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, 10(2), 1396-1416. <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>
- Souza, K. H. J. F., Damasceno, C. K. C. S., Almeida, C. A. P. L., Magalhães, J. M., & Ferreira, M. A. (2019). Humanização nos serviços de urgência e emergência: contribuições para o cuidado de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 40, e20180263. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180263>
- Teixeira, A. L. (2016). Gestão de vida e morte: um olhar sobre o morrer no Contemporâneo. *Ayvu: Revista de Psicologia*, 2(2), 150-171. <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/22204>